

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
—
1887

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

O NATAL

Em todas as religiões é facil encontrar vestigios dos velhos cultos astraes, adaptados a outras intenções, certo, mas cujo disfarce a hierologia, não raro, explica e desvenda. A adoração dos corpos celestes foi universal: originou crenças, formulou ideias e estabeleceu praticas tão fortemente enraizadas depois que, ao deante, penetraram nas varias doutrinas religiosas, ou acceites como necessarias, ou á força, como irresistiveis. Comprehende-se o dominio da astrolatria nas mythologias de quasi todos os povos, pensando que, á annuiada imaginação primitiva, os phenomenos celestes cumpriam-se ou surgiam como manifestações de um poder mysterioso e occulto. Lento e lento a curiosidade apprehensiva e timida foi verificando a concordancia de certos

movimentos planetarios com epochas varias do tempo sob cuja influencia se praticavam as sementeiras ou realisavam as colheitas. Os mezes e as estações, relacionados com a marcha e aspectos dos dois astros mais observados, accusavam, com maxima accentuação, a força ignorada e dominadora. E com o tempo, na obscura mentalidade primitiva, os acontecimentos sideraes, — marchas, aspectos e encontros, — iam sendo interpretados com a phantasia receiosa e ingenua que nos vem denunciando, através da historia e das religiões, prognosticos, presagios e outros despojos legados pelos antigos cultos.

Não é só na epigraphia, cujos documentos da epocha luso-romana dão, entre nós, sufficiente noticia da superstição astrolatrica, que ha a buscar os elementos para a reconstrução das velhas crenças: mais do que nas inscripções lapidares se encontram em documentos escriptos e em costumes populares de sentido inicial olvidado ou perdido.

De como radicaram os mythos sideraes se vê em varias constituições dos prelados, exhortando os subditos a absterem-se de praticas demoniacas, como então lhes chamavam, e ameaçando-os até com as penas maiores. Nas *Constituições synodales* do bispado da Guarda, de 1687, lê-se: «E prohibimos, sob pena de excommunhão maior que, nenhuma

Pessoa Ecclesiastica ou Secular... faça juizo, ou levante figuras pelos movimentos, ou aspectos do Sol, Lua ou Estrellas, ou por quaesquer outras cousas, para prognosticar as acções humanas, que pendem de livre alvedrio, posto que diga, e proteste que não affirma de certo as ditas cousas. » E ainda: « Nem use de Encantamentos, ou Adevinhações, ou de Sortes reprovadas, ou de outras Superstições... para mandar sobre as tempestades, ou sobre os Elementos, nem faça conjectura por elles... »

Taes prohibições, mais ou menos reproduzidas pelos prelados, desde o seculo XVI, indirectamente nos informam da generalisação de polytheismos que, depurados de usos e formas grosseiras, assumiram um ar erudito, preciso e mesmo aristocratico entre a sabedoria d'outr'ora: a astrologia, effectivamente, teve o favor de papas e monarchas!

Nas tradições populares d'hoje ainda apparecem detrictos das concepções primitivas ácerca dos astros e principalmente do sol. As horas abertas, a meia noite, o pino do meio dia, certos momentos, emfim, da revolução solar diurna em que se effectuam varias sortes de magia, surgem os rosemunhos, rogam as pragas e se combinam os pactos com as entidades demoniacas, não são mais do que reminiscencias persistentes da antiga correlação achada entre certos actos da vida humana

e a influencia, aspectos e intenções attribuidas ao sol omnipotente.

Todavia, peculiares a um ou a outro povo dadas concepções não reproduzidas nas mythologias restantes, certos factos astronomicos impressionaram vivamente toda a humanidade, — os eclipses, por exemplo, as estrellas cadentes e os solsticios. Diversas as ceremonias, os phenomenos celestes dominantes, ou alegremente ou com temor, foram interpretados por todos e solemnizados.

Como no ultimo dos tres dias da mais alta ascensão solar o homem festeja a victoria do Sol triumphador, assim celebra tambem a festa brumal no dia do solsticio do inverno, ou seja a vespera da nova marcha ascendente do astro. O renascimento solar originou a festividade, entre os phenicios, do «despertar do Hercules», em certo culto chaldaico a da «caverna do levante», para os judeus a «festa das luzes»; nos egypcios, nos hindús, nos persas, em todos os povos da antiguidade historicamente mais recuada o solsticio invernal, emfim, foi objecto de ceremonias, cultos e ritos transmittidos posteriormente a povos d'outras raças e d'outras religiões. E como não se abolissem, embora quasi apagados de sentido, a igreja teve que herdar e admittir do paganismo, convenientemente desfiguradas, as com-

memorações que os recém-adeptos persistiam em effectuar.

A solemnidade do Natal, de facto, não é referida nas noticias mais remotas que, nos seus primeiros escriptos, nos legou o christianismo; provou-se que não foram os apóstolos que a introduziram; as investigações relativas ao dia preciso da natividade do Salvador não resolveram uma data justa. De sorte que os chefes da egreja do Occidente, em face da grande e funda solemnidade annual celebrada em Roma e chamada a festa do nascimento do sol invencivel, decidiram fazer coincidir com elle o nascimento de Christo. Esta intelligente deliberação da egreja no seculo IV, modificou pouco e pouco a intenção primitiva da homenagem ao renascimento do astro, mas não expurgou inteiramente, dos costumes, certos usos e superstições que mais ou menos sobreviveram até hoje.

E' de vêr, por exemplo, os festins que quasi toda a humanidade realisa por este tempo. Ha iguarias especiaes caracteristicas: os mechidos ou formigos, as filhozes ou coscoreis, o vinho quente com mel, as rabanadas, certas broas e bolos. Estas comidas, como averiguaram os mythologistas, são os vestigios dos antigos sacrificios em homenagem aos deuses; a principio, mesmo, os bolos tinham a forma

dos animaes abatidos no momento em que se desejava tornar propicias as divindades. O intuito cultural está perdido; mas vagamente, gradativamente, se alcançou explicar a celebração da festa com jantares ou ceias fartas. A matança do porco, que em muitas terras se effectua só em dezembro, a cabeça de javali, obrigatoria em dia de Natal, nas mesas allemãs, o logar do mel, sagrado em numerosas mythologias, na confecção de certos doces, varios outros elementos, emfim, são sobrevivencias a considerar. E, de resto, costumes houve, já extinctos, dos quaes, entretanto, nos ficou a indicação historica.

Quasi todo o mez era occupado, nos tempos idos, em merendas e jantares. Nos sete dias que precediam o do Natal, havia, nas collegiadas e mosteiros, as pitanças, servindo-se, aos convidados, vinhos e fructas seccas; mas, anno a anno, foi decahindo o costume até findar de vez, pois, segundo um chronista, «se juntava muita gente de desvairadas maneiras, entre as quaes eram vis pessoas, que depois de beberem diziam e faziam muitas enormidades e alevantavam arruidos e contendas.»

Depois da festa proseguiam os beberetes e comidas, pretextando-as certas funcções de egreja, terminadas sempre pela reunião dos membros das confrarias em repastos lautos. Até que, pelos Reis, cessavam as festas, as

consoadas, as offertas, estas ultimas ainda vestigios persistentes das *strenas* dos romanos, que o christianismo tanto combateu sem conseguir impedi-las.

Na vespera do Natal, armam-se, nas casas e nas egrejas, as lapinhas ou presepes, representando o nascimento de Jesus, sob um telhado miseravel

Tal era a sua pobreza
Que nem panninhos tenia.

e com toda uma decoraçào pastoril. Era deante d'elles que se representavam outr'ora colloquios, entremezes e villancicos ou se entoavam as loas do Natal:

Filhos d'homem rico
Em bons cobertores,
Só vós, meu menino,
Coberto de dôres.

Filhos d'homem rico
Em bons lençoes finos,
Só vós, meu menino,
Coroadado de espinhos.

Filhos d'homem rico
Em berço dourado,
Só vós, meu menino,
Em palhas deitado.

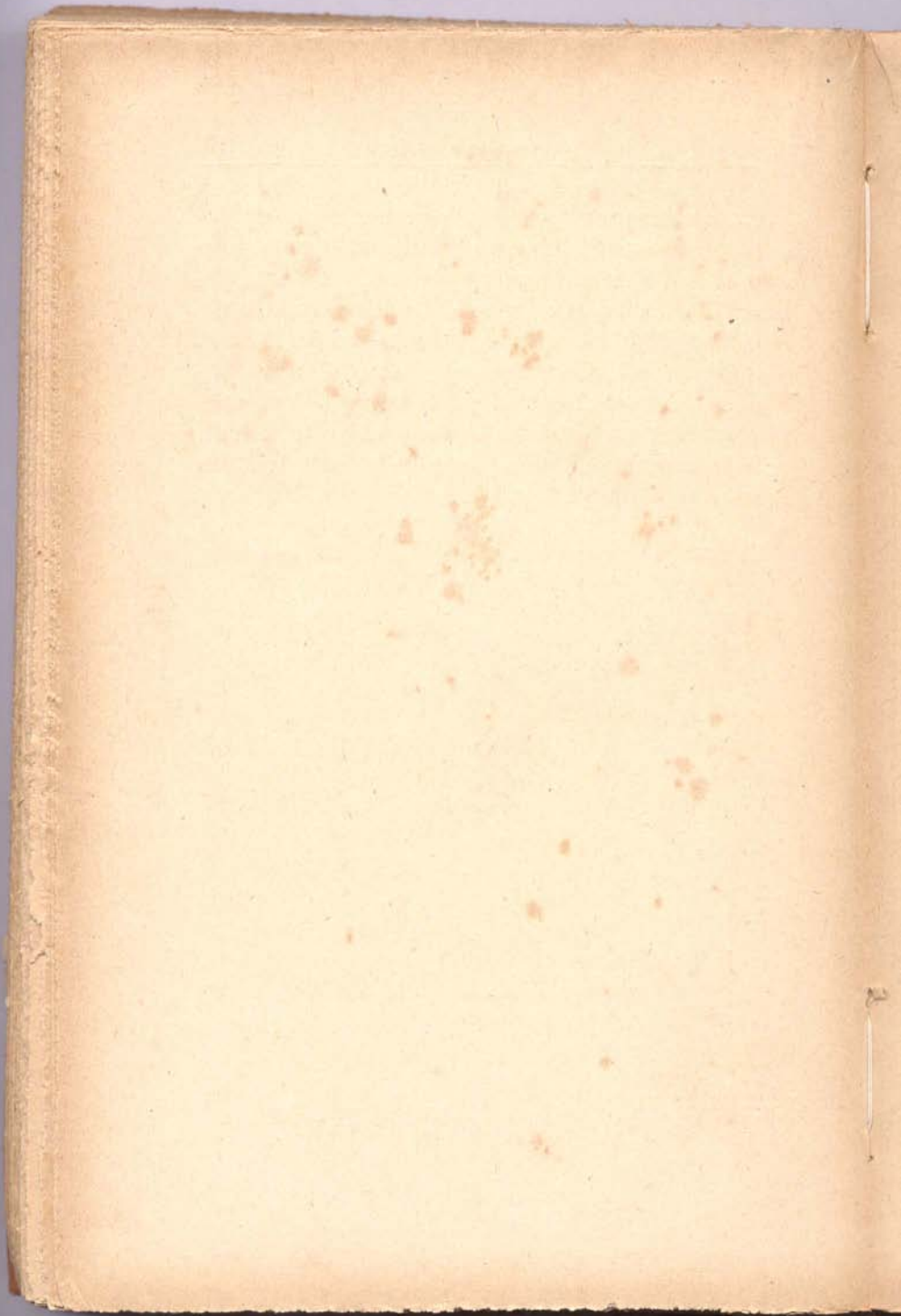
Em palhas deitado,
Em palhas nascido,
Filho d'uma rosa,
Cravo escolhido.

A arvore do Natal, representante da arvore do Sol que renasce todos os annos passado o solsticio do inverno, não está entre nós vulgarisada como o presepe; é antes um divertimento de imitação, introduzido ha poucos annos, sem character algum popular. Entretanto o enfeite do pinheiro com fitas, brincos e doces, adornado de flores e illuminado, coexiste, nos paizes do norte, com outro costume tambem praticado e ainda em terras portuguezas: é a queima do cêpo ou do trafogueiro. Em alguns logares vae-se buscar, na tarde da vespera do Natal, um dos mais grossos troncos do arredor e conduz-se para casa, para um largo ou para o adro da igreja, dançando e em descantes. Lança-se-lhe o fogo e baila-se em torno até á hora da missa do gallo, começando a debandada depois de cada um adquirir e guardar un fragmento que, em casa, afasta a peste, dá a fecundidade aos campos e, com um ramo de oliveira benta, afugenta, para o maninho, as trovoadas.

A queima do cêpo, que se faz na Italia (*ceppo*), na França (*tréfoir*), na Inglaterra (*yule clog*), na Allemanha, talvez entre os slavos, obedece naturalmente ao mesmo intuito que explica as fogueiras do S. João, isto é, symbolisa o fogo solar renascente, como na outra festa, o Sol creador e triumphante. O

caracter sagrado d'esta solemnidade oblitrou-se, ou melhor, transformou-se nas formas supersticiosas de protecção e abundancia indicadas. O certo é, porém, que semelhante pratica cultural, como varias outras que se lhe associam na festa d'hoje, persistiu através dos tempos e das religiões, universalmente e ainda com o vigor que bem se comprehende em face da vetusta e radcada solemnidade pagã.

25.12.94.



INDICE

	Pag.
EXPLICAÇÃO PREVIA	5
I. A tatuagem em Portugal.	11
II. Ensino tecnico.	21
III. Passeios geologicos.	31
IV. O Bragança.	39
V. O bicho da seda.	49
VI. Antiguidades nacionaes.	59
VII. As Maias.	75
VIII. Um curso livre.	87
IX. Flora extincta.	99
X. O S. João.	109
XI. Livros d'aula.	123
XII. A inspecção militar e a anthropologia.	135
XIII. Os marmores de Vimioso.	145
XIV. Os ciganos de Portugal.	155
XV. As dunas.	167
XVI. O principe de Monaco.	179
XVII. As ostras.	189
XVIII. O museu da Restauração.	201
XIX. Carvão e ferro.	213
XX. A piscicultura em Portugal.	225
XXI. O Natal.	239
XXII. O vinho.	249
XXIII. As colonias e a opinião nacional.	261
XXIV. Ir p'ros estudos.	271
XXV. As abelhas.	283
XXVI. O cruel e triste fado.	293

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

Silva Pinto		Guilomar Torreção	
De palanque, annotações à vida portugueza con- temporanea, 1 vol.	600	Pizicatos, a sahir do prelo.	
No Brazil, 1 vol.	500	Abbate de Prevost	
Os jesuitas, 1 vol.	200	Manon Lescaut, 1 vol.	500
A' hora da lucta.	400	Bernardim Ribeiro	
Alfredo Mesquita		Menina e moça, 1 vol.	500
De cara alegre.	500	Bernardin de Saint-Pierre	
Teixeira Bastos		Paulo e Virginia, 1 vol. ...	300
A crise, 1 vol.	700	Casimiro d'Abreu	
Rumores vulcanicos, 1 vol.	500	Primaveras, 1 vol.	500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol.	700	Renan	
Poetas brazileiros, 1 vol. .	400	Vida de Jesus, 1 vol.	600
Interesses nacionaes, a sa- hir do prelo.		Apostolos, 1 vol.	600
Julio Brandão		José P. Sampaio (Bruno)	
Pharmacia Pires, 1 vol. .	500	Notas do exílio, 1 vol. ...	600
Theophilo Braga		João Chagas	
As lendas christãs, 1 vol. .	700	Diário d'um condemnado politico, 1 vol.	500
Camões e o sentimentalis- mo nacional, 1 vol.	600	João Barreira	
Modernas ideias da litte- ratura portugueza, 2 vol.	1\$500	Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho na- cional com um <i>fusain</i> de Cellini.	700
Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v.	2\$400	Luiz de Magalhães	
Patria portugueza, 1 vol. .	600	Brazileiro Soares, 1 vol. .	700
Historia da litteratura por- tugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol.	700	Arnaldo Gama	
Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol.	700	Caldeira de Pero Botelho, 1 vol.	500
Bernardim Ribeiro, 1 vol.	700	Honra ou loucura, 1 vol. .	500
Gil Vicente, a sahir do prelo.		Filho do Baldaia, 1 vol. ...	600
In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . .	2\$000	Alexandre Dumas	
em papel de linho.	3\$000	A dama das camelias, 1 v.	400
		Ramalho Ortigão	
		John Bull, 1 vol.	600